

Futuro das tribos depende dos indiozinhos, que terão de aprender a conviver com o branco e com sua cultura

O difícil desafio das crianças indígenas

Antropólogos acham que educação é fundamental para garantir preservação cultural indígena. Em Aruanã, aldeia reaprende as tradições esquecidas

PAULO JOSÉ

O pequeno Trumak, de 11 anos, da nação Avá-Canoeiro, localizada no norte de Goiás, corre feliz pela aldeia imitando um pássaro e só pára de "voar" quando cansa. Antes, porém, faz todos os procedimentos de pouso, quase como um balé. "Aprendi com o gavião", diz. A quilômetros dali está o exuberante Rio Tocantins, mas, mesmo sendo de uma tribo especialista em navegação, como o próprio nome sugere, o indiozinho jamais entra na água sozinho. "Não pode porque o boto leva", explica.

Nesse universo, Trumak não imagina que sua ingenuidade terá de ceder cada vez mais. Se de um lado, ele mantém um pouco da tradição de seu povo e uma relação mágica com a natureza, de outro, grandes responsabilidades vão lhe aparecer. No futuro, ele e sua irmã Putdjawa, de 9 anos - as únicas crianças da tribo - terão de gerenciar a reserva indígena de 38 mil hectares, o relacionamento com a sociedade nacional e até mesmo a aplica-

ção do dinheiro dos royalties provenientes da usina hidrelétrica de Serra da Mesa (que foi construída em terra avá-canoeiro).

Trumak nunca ouviu falar de royalties, não tem a mínima idéia do que são 38 mil hectares, mas terá de se inteirar de tudo isso para enfrentar a nova realidade que vai se consolidando. Não há alternativa. Como ele, dezenas de outras crianças indígenas de Goiás, das nações Tapuia e Carajá, também estão na mesma e delicada situação. "É um desafio para o futuro", diz o antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho, do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás.

"Os indiozinhos terão, ao mesmo tempo, de levar em frente a convivência com o homem branco e sua cultura e também manter a tradição e o modo específico de ver o mundo", observa. É uma tarefa árdua. Na tribo carajá, em Aruanã, a nova geração vive, segundo Lima Filho, um momento histórico e em uma realidade bastante diferente daquela de seus pais. "Ali, a aldeia foi cercada pela cidade; então, as crianças vão ter de aprender a garantir o grupo e seus rituais, a preservar a terra e a participar da sociedade nacional", afirma. A responsabilidade e os desafios da criança indígena são tema deste ano para a comemoração do Dia do Índio, celebrado hoje.



Trumak e Putdjawa, as duas únicas crianças da tribo avá-canoeiro, terão de aprender a investir o dinheiro dos royalties de Serra da Mesa e a manter sua cultura

Cristina Cabral



Em seu mundo mágico, indiozinhos não imaginam tarefa árdua que os espera

Investimento cultural para superar preconceito

A principal arma para essa alquimia é a educação. Conforme o antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho, é preciso um investimento intelectual para que os índios possam superar os preconceitos e as necessidades enfrentadas atualmente. Somente assim será possível evitar problemas como os que ocorrem na aldeia carajá da Ilha do Bananal, onde alcoolismo, prostituição, suicídios e novas religiões vêm destruindo a identidade do grupo. "O lugar da criança indígena hoje é, sem dúvida, desafiante", diz.

Para o indigenista Valter Sanches, que trabalha com os avá-canoeiros, o papel dela é preponderante na preservação cultural. "O futuro de seus grupos vai depender da capacidade de elas se conscientizarem disso", avalia. "Vai ser lamentável se daqui a 20 anos, por exemplo, as duas crianças avá não saberem o que vão fa-

zer", acrescenta. Por isso, Sanches acredita que é necessário dar-lhes educação o quanto antes. "Caso contrário, serão tragados".

Vão do gavião

Ele tem motivos para dizer isso. Além dos 6 canoeiros que vivem hoje na reserva no norte goiano, há alguns anos havia outros 12 na Ilha do Bananal. Destes, quatro tornaram-se alcoólatras, um suicidou e outro morreu, aos 18 anos, intoxicado por agrotóxico quando trabalhava na lavoura. No entender de Sanches, isso só não será repetido no norte goiano se os meninos avás assumirem seu destino e sua identidade de forma consciente e com um mínimo de conhecimento formal. Em outras palavras, a luta é para que os filhos desta nova geração também possam, como Trumak, aprender a voar com o gavião.

Carajás reaprendem cultura na escola

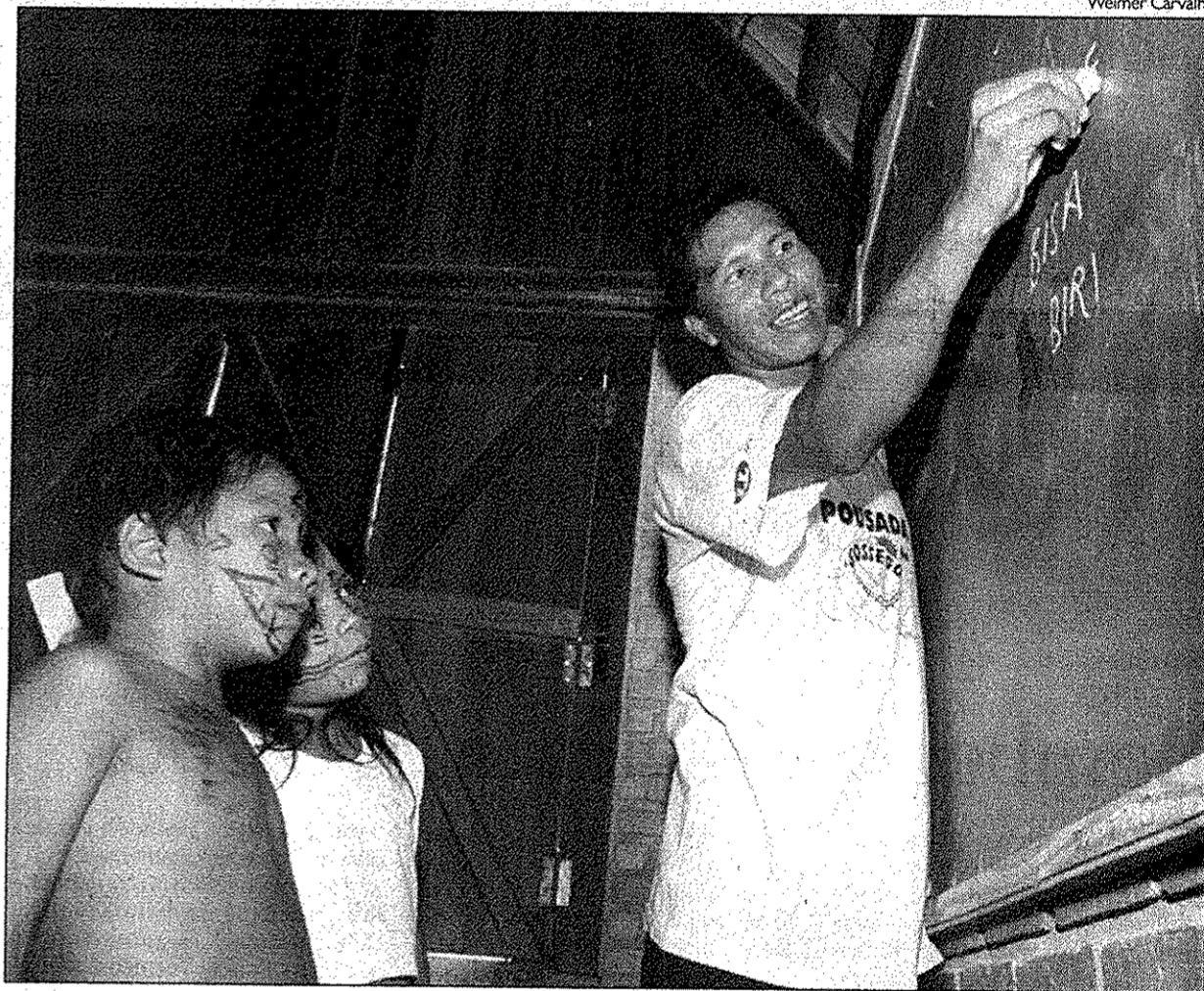
Weimer Carvalho

Até meados desta década, a nação Carajá de Aruanã vivia em uma situação-limite. Espremida pela cidade e os valores da sociedade branca, a sua identidade e suas tradições estavam em queda livre. A língua praticamente deixou de ser falada, a produção de artesanato encolheu e as danças e histórias ficaram de lado. Hoje, a situação está mudando. Aos poucos, os índios vão retomando suas raízes e voltando a ser essencialmente carajás.

A reviravolta começou em 1994, com um projeto de educação e cultura, batizado de Mauré e desenvolvido pela Fundação Nacional do Índio em parceria com a Secretaria Estadual da Educação e as universidades Federal e Católica de Goiás. Os primeiros resultados foram quase imediatos: o grupo indígena assumiu a proposta, se organizou e passou a melhorar a qualidade de vida.

Renascimento

Basicamente, o projeto visa o renascimento cultural dessa nação. Uma de suas frentes é a educação bilíngüe, promovida em português e carajá e dirigida a cerca de 30 curumins. Em uma escola construída dentro da aldeia, eles estão aprendendo a ler e escrever na língua-mãe, para não perder o contato com suas tradições, já que convivem com a população de Aruanã e até frequentam o ensino formal nas es-



Professor bilíngüe Albertino ensina carajás de Aruanã a língua de seu povo, esquecida após o contato com o branco

colas da cidade.

É uma educação prática. Ali, para assimilar a língua carajá, os estudantes aprendem artesanato

com os mais velhos, conhecem as histórias da tribo por meio de textos, vêem filmes e fotos, ouvem gravações e fazem arte. Ao cons-

truir um cesto de palha, por exemplo, um aluno tanto aprende a técnica como a palavra que descreve o objeto - no caso *weriri*.

Vergonha vira orgulho

O professor Albertino Adiurema, que leciona carajá, diz que o trabalho tem dado bons frutos e as perspectivas são melhores ainda. "Alguns alunos ainda não têm interesse, mas aqueles que estão se esforçando têm avançado muito", afirma. Para assumir o cargo, Albertino - que é carajá - precisou passar quatro meses na aldeia de Santa Isabel do Morro, onde aprendeu a escrever a língua-mãe. "Eu só sabia falar", conta.

Para a coordenadora do projeto, Maria do Socorro Silva do Vale, os resultados já obtidos são excelentes.

"No início do trabalho, eles se achavam desacreditados por eles mesmos", diz. Nessa época, apenas quatro carajás faziam artesanato, mas, atualmente, quase todos são artesãos. A língua era desconhecida das crianças, os jovens que a sabiam tinham vergonha de falar e apenas os mais velhos a utilizavam. Agora, o quadro é diferente e a vergonha está sendo substituída pelo orgulho, ressalta ela. Com otimismo, Maria do Socorro prevê que, dentro de quatro anos, toda a população carajá de Aruanã vai estar falando a língua-mãe.

'Só a educação salva'

Só a educação salva. Partindo deste pressuposto, o indigenista Valter Sanches apresentou no mês passado à Funai uma proposta de ensino para as duas únicas crianças da nação Avá-Canoeiro, no norte de Goiás. A exemplo do projeto realizado com os carajás, Sanches defende uma metodologia bilíngüe, em português e tupi. Na sua avaliação, está passando da hora dos pequenos avás aprenderem a ler, escrever e a ter noções básicas de matemática. "Não podemos deixá-los assim a vida toda, para evitar que sejam futuramente marginalizados", diz.

Sanches sabe que a proposta enfrenta a resistência de muitos antropólogos, mas vai insistir. "Eles não vão deixar de ser avá-canoeiros porque aprenderam português e, além do mais, é loucura retardar o aprendizado, pois, de certa forma, eles vêm aprendendo por conta própria, sabem horas e, contam um, dois, três", informa. Segundo ele, a idéia é que um professor ou antropólogo passe a conviver na aldeia para aprender a língua-mãe dos avás e só, depois, inicie o trabalho. "Um professor qualquer não serve".

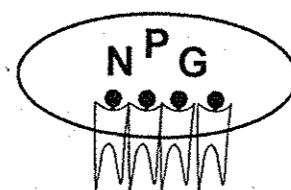
AOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE MENTAL

O Conselho Profissional da Associação Brasileira de Psicanálise, preocupado com a qualidade de ensino e a prática da Psicanálise de forma desqualificada por vezes pondo em risco a saúde e o bem estar da população, e com o compromisso de orientar e mostrar a importância de se escolher profissionais devidamente qualificados para tratar a saúde mental, estará em Goiânia nos próximos dias 24 e 25 para um conjunto de atividades científicas. Frente a oportunidade deste significativo acontecimento, o Núcleo de Psicanálise de Goiânia estará promovendo no dia 24 de abril, às 20:30 horas um Fórum de Debates com o tema: "A PSICANÁLISE HOJE" com os palestrantes:

- 1- Dr. Plínio Luiz Kouznetz Montagna
Presidente da Associação Brasileira de Psicanálise
- 2- Dr. Wilson Amendoeira
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
- 3- Dr. Gley Silva de Pacheco Costa
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

LOCAL: Hotel San Marino sito à Rua 5 n°. 1090 Setor Oeste-Go
Informações: Fone/Fax: 215-2759

ENTRADA FRANCA



NÚCLEO DE PSICANÁLISE DE GOIÂNIA